

*Distintas posições: médicos baianos e o ensino de Sifilografia na Faculdade de Medicina da Bahia (1895-1945)**

RICARDO DOS SANTOS BATISTA**

Universidade Federal da Bahia

Resumo: Este texto tem como objetivo analisar as atividades na Cátedra de Dermatologia e Sifilografia da Faculdade de Medicina da Bahia, entre os anos de 1885 e 1945, a partir dos perfis dos dois primeiros médicos que ocuparam a chefia da clínica. Utilizando planos de ensino e atas da Congregação da Faculdade, relatórios da Santa Casa de Misericórdia e relatórios médicos do Governo do estado, é possível perceber que o ensino prático de sifilografia não ocorreu na enfermaria São Joaquim, da Santa Casa de Misericórdia, entre 1914 e 1945, mas nos dispensários médicos, orientado por outros profissionais que não o catedrático de sifilografia, que disseminavam os conhecimentos sobre a sífilis no ensino sobre outras moléstias.

Palavras-chave: Sifilografia; Salvador; Bacteriologia.

Abstract: This text aims to analyze the activities on the Chair of Dermatology and Syphilography of Bahia School of Medicine, between 1885 and 1945, from of the profiles of the first two doctors who occupied the head of the clinic. Using lesson plans and minutes of the Congregation of the School, Santa Casa de Misericórdia reports and State Government of medical reports, you can see that the practical teaching syphilology not occurred in the infirmary São Joaquim, Santa Casa de Misericordia, between 1914 and 1945, but in medical clinics, guided by other professionals than the professor

* Recebido em 10 de abril de 2015 e aprovado para publicação em 04 de maio de 2015.

** Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em história Social da Universidade Federal da Bahia. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: kadobatista@hotmail.com.

of syphilology, which disseminated knowledge about syphilis in teaching about other diseases

Keywords: Syphilography; Salvador; Bacteriology.

Introdução

A passagem do século XIX para o século XX foi de grande importância para o estabelecimento das linhas gerais de compreensão de algumas doenças, entre elas a sífilis. O *Treponema Pallidum*, seu agente etiológico, foi descoberto em 1909 com o auxílio da bacteriologia, campo do conhecimento que começava a influenciar pesquisas em muitos lugares do mundo. Em *Tributo a Vênus*, Sérgio Carrara (1996) faz uma análise sobre como um grupo de médicos brasileiros se articulou no combate à doença que atingia grande parte da população do país e despertava a atenção de outros setores sociais, a exemplo de juristas e feministas, da virada do século até a década de 1940. O autor chama a atenção para o trabalho desenvolvido pelo médico Antônio José Pereira da Silva Araújo, que se destacou entre os sifilógrafos da segunda metade do século XIX, e passou a ser considerado o precursor da especialidade no Brasil.

Formado na Faculdade de Medicina da Bahia - FMB no início da década de 1870, Silva Araújo foi influenciado por Patterson, Otto Wucherer e Silva Lima, fundadores da Escola Tropicalista da Bahia, movimento o qual também integrou como redator do periódico *Gazeta Médica*. A filiação de Silva Araújo à medicina experimental contribuiu para a sua reprovação em concurso para a sessão cirúrgica, no ano de 1870, por considerarem que ele insistia em “perder tempo espiando bichinhos”. Assim, o médico radicou-se no Rio de Janeiro no início da década de 1880 e passou a atuar com visibilidade internacional, defendeu a medicina de caráter experimental e prático e foi considerado um dos principais representantes das ideias pasteurianas no Brasil. Isso, inclusive, fez com que a Academia Nacional de Medicina o incumbisse do elogio fúnebre a Pasteur em 1895 (CARRARA, 1996, p. 80-81). Silva Araújo foi, ainda, chefe do Serviço de Doenças de Pele

e Sífilis e diretor do Laboratório de Microscopia da Policlínica do Rio de Janeiro, simultaneamente. A sua trajetória intelectual indica que a estreita relação com a parasitologia tropical e, posteriormente, com a bacteriologia, tornou o campo da dermato-sifilografia florescente no país e prestigiado no exterior. Os sifilógrafos brasileiros giravam em torno de teorias e ideias produzidas na Europa, mas não deixavam de apresentar dados, descobertas e interpretações bastante originais, participando ativamente das emergentes reuniões internacionais, quer fossem dedicadas a discussões propriamente técnico-científicas, quer às melhores “armas” a serem utilizadas pela luta antivenérea (CARRARA, 1996, p. 88-89).

A segunda metade do século XIX foi marcada por uma série de reformas nas Faculdades de Medicina do Brasil. Em estudo sobre a institucionalização do ensino da pediatria e a assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República, Gisele Sanglard e Luiz Otávio Ferreira (2010, p. 444) afirmam que a Reforma do ensino médico decretada em abril de 1879, pelo ministro do império Leôncio de Carvalho, instituiu a frequência livre às aulas e sabatinas, medida que se mostrou desastrosa e foi abolida em 1883 pelo novo diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – FMRJ, Vicente Cândido Figueira Sabóia. O médico tornou a frequência nos trabalhos práticos e laboratórios obrigatória, e permitiu a realização dos cursos livres nas próprias instalações da Faculdade, com matérias relativas ao currículo. Na prática, muitos cursos ocorreram fora dos muros da FMRJ, como os oferecidos com regularidade pelo médico Moncorvo de Figueiredo, sobre doenças de crianças, na Policlínica Geral do Rio de Janeiro. As disposições da Reforma Leôncio Carvalho que ainda não tinham sido colocadas em prática foram expandidas com os decretos de 12 de março de 1881 e de 30 de outubro de 1882, quando se criaram sete novas cátedras: clínica obstetrícia e ginecológica, clínica psiquiátrica, clínica oftalmológica, clínica das moléstias médicas e cirúrgicas de crianças, anatomia e fisiologia patológicas, clínica de moléstias e doenças cutâneas e sifilíticas, segunda cadeira de clínica médica de adultos e segunda cadeira de clínica cirúrgica de adultos. Essa reforma foi incorporada ao ensino médico da Bahia e, poucos anos após a partida de Silva Araújo para o Rio, os docentes da FMB se

articulavam para colocar em funcionamento a Cátedra de Dermatologia e Sifilografia, o que requeria a realização de um concurso.

Este trabalho tem como objetivo analisar as atividades da Cátedra de Dermatologia e Sifilografia na FMB, desde o seu início, em 1885, até o ano de 1945, no intuito de observar como o ensino relacionado à sífilis surgiu e se desenvolveu em Salvador. Para isso, deu-se visibilidade às duas primeiras personalidades que ocuparam a clínica, os médicos Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira¹ (entre 1895 e 1914) e Albino Arthur da Silva Leitão² (entre 1914 e 1945), e às implicações do perfil profissional de cada um deles.

O surgimento da cátedra de Dermatologia e Sifilografia na FMB, e um sifilógrafo pesquisador

Ao longo da sua trajetória, a Santa Casa de Misericórdia de Salvador passou por muitos momentos de dificuldade financeira. No biênio 1918-1919 a situação se agravou devido à crise dos gêneros alimentícios e pela dívida do Estado, que acumulava valores relativos ao tratamento de policiais, juros de apólices e débitos antigos por obras no Asilo São João de Deus. Além disso, o provedor fazia queixas relativas à defasagem do valor pago pela FMB para a utilização de 14 clínicas na instituição filantrópica, visto que a Faculdade continuava a contribuir com o mesmo valor de 1903, quando ocupava apenas 9 enfermarias do hospital Santa Izabel. Como o nosocômio absorvia praticamente 50 % da receita total da Santa Casa, o número de leitos foi diminuído, mesmo com a demanda de pessoas doentes de outros municípios,

¹ Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira nasceu em Salvador-Ba, em 1853 e faleceu na mesma cidade, no ano de 1931. Formou-se em medicina pela FMB no em 1877 onde defendeu a tese intitulada *Signaes e diagnósticos fornecidos pelos exames das urinas*. Foi catedrático da Cadeira de Dermatologia e Sifilografia, e o primeiro médico da instituição a chamar a atenção dos seus alunos para o Botão de Briskra, a leishmaniose cutânea, apesar de Juliano Moreira desenvolver pesquisa sobre a doença quase simultaneamente.

² Albino Arthur da Silva Leitão nasceu em São Sebastião do Passé-BA, em 2 de setembro de 1891 e faleceu em Salvador-Ba, em 27 de agosto de 1960. Formou-se pela FMB em 1903, e sua tese doutoral ainda não foi catalogada pela Biblioteca Gonçalo Moniz, da FMB.

como Nazareth e Cachoeira, localizadas no Recôncavo baiano (SCM, 1921). Apesar das queixas, admitia-se que o serviço médico-cirúrgico, de laboratório e hidro-eletrico-terápico era desenvolvido pelo corpo clínico de docentes, “não havendo reclamação de nenhuma importância (financeira) por parte da Faculdade”. Os médicos atuavam filantropicamente, utilizando aquele espaço como *locus* de estudo, desenvolviam pesquisas e ajudavam a amenizar os efeitos das doenças que afligiam integrantes das classes economicamente subalternas. Segundo Souza; Teixeira e Lana (2014, p. 138), entre os beneméritos baianos os médicos ocupavam uma posição de destaque pois, influenciados pelos deveres caritativos próprios da cultura cristã em que estavam imersos, mobilizaram seus pares, os gestores públicos, mulheres de elite e a sociedade em geral em torno das camadas mais pobres da população. Realizar filantropia também era interessante para a carreira desses profissionais, pois lhe proporcionava prestígio e visibilidade. Ao discutir as ações dos médicos baianos em relação ao câncer, na década de 1930, afirma-se que:

O viés de tais ações beneméritas, todavia, não excluía nem escondia outras motivações – em contexto de crescente especialização da medicina, e o desejo de inserção em campos de estudos emergentes e de amplitude internacional. Ao protagonizar ou contribuir para a constituição de bens de saúde com fins filantrópicos, os médicos baianos buscavam garantir o monopólio da competência científica em um campo específico da medicina ao tempo em que angariavam notoriedade e autoridade no meio acadêmico e social (SOUZA, TEIXEIRA; LANA, 2014, p. 138).

As clínicas do hospital Santa Izabel eram separadas por sexo e possuíam nomes de santos católicos. A enfermaria de moléstias dermatológicas e sífilíticas denominava-se São Joaquim e, inicialmente, viria a ser o espaço de ensino e observação de casos clínicos da sífilis por médicos e estudantes da FMB. Além desta, havia também as enfermarias masculinas São Luiz e São José, de Clínica Cirúrgica; São Vicente e São Pedro, de Clínica

Médica; São Paulo, de Moléstias Nervosas; São Lázaro, de Tuberculose; São Maurício, de Oftalmologia, São João, de Pensionistas; Santa Izabel, de Pediatria Médico-Cirúrgica e o Isolamento.

Com a institucionalização do ensino da Sifilografia, a FMB realizou concurso para a nova cátedra em 1885, e empossou o médico Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira. Um olhar sobre a sua atuação oferece indícios para a reflexão sobre como o ensino e prática relativos à sífilis começaram a se desenvolver naquela instituição. Após a graduação, o médico continuou o trabalho com a medicina experimental, tornando-se funcionário do Instituto Vacinogênico da Bahia e, em 1881, participou de um disputado concurso para substituto na seção de Ciências Acessórias. Em 1882, foi nomeado e ensinou nas cadeiras de Clínica Orgânica, Botânica e Medicina Legal. Entre 1883 e 1885 esteve na Europa para estudar sifilografia e dermatologia com grandes nomes da área, a exemplo de Alfred Fournier, em Paris, F. Hebra e Moriz Kaposi, em Viena. Retornou ao Brasil, e sendo o único candidato para a cátedra de doenças venéreas, obteve aprovação unânime dos seus colegas (MOURA, 1914)

Como professor, Cerqueira declarava-se guiado “só e só pela observação e pelas clínicas”, o que revela o seu gosto pela experimentação. Viajou ao Rio de Janeiro em 1896, para representar a Sociedade de Medicina e de Cirurgia, e descreveu os experimentos que realizava em relação à lepra no seu consultório, na Bahia, a partir do óleo de *chaoulmoogra* associado a correntes elétricas. As experiências do médico ocorriam simultaneamente às pesquisas com eletricidade também desenvolvidas pelo sifilógrafo carioca Werneck Machado, em busca de uma terapêutica para a mesma doença (MOURA, 1914). Destaca-se que antes da década de 1930, o tratamento de doenças era feito com medicamentos à base de substâncias da natureza. As plantas conhecidas pela designação de chaulmoogras pertencem à família das Flacourtiáceas e o seu óleo foi amplamente utilizado no combate à lepra em fins do século XIX e início do século XX. O Instituto Oswaldo Cruz foi um importante local de produção dos derivados do óleo e de pesquisa e ensino da terapêutica chaulmúgrica (SANTOS, 2008).

O trabalho do primeiro catedrático de doenças cutâneas e sifilografia

da FMB estava em sintonia com os conhecimentos sobre sífilis e lepra atuais para aquele momento no Brasil e no mundo. As atividades práticas que Cerqueira desenvolvia influenciavam os internos da Cátedra de Dermatologia e Sifilografia, e os estimulavam nos trabalhos da enfermaria São Joaquim, no hospital da Santa Casa de Misericórdia. Além disso, utilizavam as experiências adquiridas nas aulas para a elaboração de teses de doutoramento. Como exemplo, é possível referenciar o trabalho defendido em 1900, por Arthur Novis, intitulado *Estigmas da syphilis hereditaria tardia*, no qual o autor analisou o caso de uma criança sífilítica tratada por Alexandre Cerqueira. O doutorando recebeu a permissão do catedrático para a elaboração de uma imagem (Figura 1) que integrou o seu trabalho final de curso.

Figura 1 - Tíbia de uma criança portadora de sífilis hereditária.



Fonte: Novis, 1900.

Cerqueira era um pesquisador posicionado, e manifestava as suas convicções sobre os temas relacionados à área em que atuava, especialmente sobre o debate que envolvia a prostituição, considerada pelos médicos do período como o principal veículo de transmissão da sífilis: “rebelou-se adversário da regulamentação mormente reforçada com a vigilância da polícia de costumes [...] tendo dado maus resultados em todos os países que a têm

adotado” (MOURA, 1914). Declarava-se anti-regulamentarista, desaprovava a criação de sífilocômios, defendia o princípio da liberdade de se tratarem os doentes em dispensários gratuitos e numerosos, e alertava para a necessidade de, por todos os meios, esclarecer a população sobre o perigo da sífilis. Em finais do século XIX, o médico baiano se filiava a um ramo específico da sifilografia, contra as medidas jurídico-punitivas e a favor da educação higiênica, ideias similares aos princípios da política nacional proposta por Eduardo Rabello e pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz em 1920, com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública – D.NS.P., e da Inspetoria de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas - IPLDV. Quando se aposentou, no ano de 1915, o sífilógrafo baiano deu lugar a outro professor, que desenvolveu um trabalho muito diferente. Distante da medicina experimental e da bacteriologia, um ensino marcado por traços personalistas foi um dos fatores pelos quais o ensino prático sifilográfico baiano não viria a ser desenvolvido na cátedra que trazia o seu nome, até 1945.

Albino Leitão: um professor erudito

Em 1906, o médico Albino Arthur da Silva Leitão foi aprovado em concurso para assistente interino da Clínica de Dermatologia e Sifilografia, e professor substituto da mesma cadeira. Em 1911, ele tornou-se professor Extraordinário Efetivo e, em 13 de abril de 1914, assumiu a cátedra de Alexandre Cerqueira (FMB, 1914). Como concorrentes, Albino Leitão encontrou o doutor Egas Moniz Barreto de Aragão,³ e o doutor Antônio do Prado Valladares⁴ que desistiu da seleção por motivos de doença, e ficou

³ Egas Moniz Barreto de Aragão nasceu no ano de 1870, em Salvador-Ba, e faleceu em 1924. Foi professor extraordinário de História Natural Médica e autor de vasta bibliografia sobre dermatologia e sifilografia.

⁴ Antônio do Prado Valladares nasceu em 1882, Santo Amaro da Purificação-Ba, e faleceu em Salvador-Ba, em 1938. Ocupou a cadeira de Patologia Geral, que deixou para ser catedrático de Clínica Médica, entre 1915 e 1925. Posteriormente assumiu a cadeira de Propedêutica, disciplina da qual tinha sido interno, e onde permaneceu até sua morte.

classificado em primeiro lugar. Barreto de Aragão ocupou a segunda colocação (OLIVEIRA, 1992).

As seleções para professor e transições entre catedráticos da clínica de Dermatologia e Sifilografia na FMB ocorreram de forma tranquila desde o surgimento da cadeira até muito depois de 1945, ano em que Albino Leitão se aposentou por idade e não por aposentadoria compulsória, permitindo que seu colega Flaviano Innocêncio da Silva, mais velho do que ele, assumisse a cátedra antes de também se aposentar (JACOBINA, 2013, p. 55). Esses processos se diferiram, por exemplo, da disputa acirrada pela cátedra de Pediatria da FMRJ, na qual Fernandes Figueira, que seguia os passos do seu mestre Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo pretendeu, em 1910, ser dispensado do concurso para substituto da nona seção. Figueira visava ocupar o cargo apenas com o reconhecimento do valor da sua produção científica. Mesmo não obtendo sucesso em sua aspiração, continuou vinculado à FMRJ na condição de livre-docente que, segundo a legislação, podia oferecer “cursos equiparados” aos do currículo oficial (SANGLARD; FERREIRA, 2010, p. 448-449).

Não há muitos registros sobre a atuação de Albino Leitão na FMB, e os poucos escritos encontrados não oferecem indícios sobre as concepções teóricas que norteavam o seu trabalho. Leitão é definido sempre como um professor erudito, pois tinha apreço pela leitura. Essa característica possibilitou-lhe comprovar, com muitos argumentos, que a tese do doutor Antônio Grisi, apresentada à Congregação para uma validação de título, tratava-se de um plágio, na sessão de 28 de dezembro de 1921 (FMB, 1921). A atuação do médico no órgão representativo se limitava a integrar comissões de avaliação e, além disso, solicitar inclusão, em ata, de menções a pessoas ilustres e pesares em situações como falecimentos de médicos. Preocupava-se com a etiqueta e, aparentemente, não tinha desafetos. Ele era um homem sério, e a imagem construída por seus companheiros de trabalho e alunos, a seu respeito, ressalta essa característica. Em *A Faculdade de meu tempo - memórias*, o médico Ruy Santos descreveu alguns acontecimentos do período em que ainda era estudante de medicina e destacou, entre outras

cenar, episódios sobre a relação estabelecida com os seus professores. Em uma pequena e única referência a Albino Leitão, escreveu:

Albino Leitão, da Clínica Dermatológica, deu-me algumas aulas. Aulas secas, secas como ele. Longas como o seu nariz, mas honestas como ele. Foi, durante muito tempo, o Papa sério da Congregação: à hora difícil todos o buscavam e os seus conselhos sempre surgiam à base da decência (SANTOS, 1978).

Outra passagem que nos dá indícios sobre a personalidade de Leitão foi elaborada pelo doutor Newton Alves Guimarães, em notas sobre a trajetória da dermatologia na FMB:

Conhecido por sua irretocável integridade, embora homem de sólida cultura humanística, e grande erudição, o professor Albino Leitão não se destacou entre os especialistas da época por ser avesso a publicar, e nem mesmo ter exercido a clínica privada. Era de formação eminentemente teórica, e seu exercício da profissão limitava-se ao atendimento gratuito à população de São Sebastião do Passé (GUIMARÃES, 2007).

E, por fim, no livro *Sal e Pimenta*, Heitor Prager Fróes fez uma homenagem ao amigo e ex-professor, em um poema chamado *Perfil*, e o caracterizou como uma pessoa solícita com os alunos, além de desempenhar com maestria a profissão de professor:

– Em meio a tanto sábio caricato / E a tanto palrador
sesquipedante /
Conheço um mestre – professor de fato! - / Correto e
sempre amigo do estudante. / Embora seja ALBINO
desde a infância / Vendo-lhe a tez nada encontramos
nela / Que de albinismo ampare a sugestão; / E note-se
mais esta circunstância: / É que está sempre fora... da
panela, / Mau grado o sobrenome de...LEITÃO!
(MOURA, 2014)

Todos os relatos encontrados sobre Albino Leitão convergem para aspectos da sua personalidade e muito menos para as bases norteadoras do trabalho que desenvolveu como catedrático. No primeiro ano em que ocupou a direção da cátedra, ele alegou que os trabalhos práticos realizados nos laboratórios de clínica não tiveram os objetivos desejados alcançados, devido à falta de material e aparelhos para estudo. Além disso, afirmou que o curso foi muito prejudicado pelas férias “abusivamente tomadas pelos alunos” (MOURA, 2014). Entre 17 de junho e 20 de agosto o médico deu apenas uma aula, alegando a falta de estudantes e, no mês de novembro, pelo mesmo motivo não pôde ministrar nenhuma lição.

De fato, na Memória Histórica elaborada pelo médico Caio Otávio Ferreira de Moura, em 1914, há referências sobre as dificuldades financeiras atravessadas pela FMB nas duas primeiras décadas do século XX, especialmente por um incêndio que destruiu parte do patrimônio da instituição e por um material encomendado pela Diretoria à Europa, demasiadamente caro. Entretanto, naquele mesmo ano, outros professores, que também necessitavam de materiais para as suas aulas, registraram com entusiasmo a realização de um trabalho satisfatório. Como exemplo, pode-se citar o trabalho realizado pelo professor extraordinário Augusto Couto Maia,⁵ que assumiu a cátedra de Microbiologia com a ausência do doutor Augusto César Vianna.⁶ Apesar das dificuldades existentes, Couto Maia se esforçou no

⁵ Augusto de Couto Maia nasceu no ano de 1876 e faleceu em 1944. Formou-se pela FMB, em 1898, e defendeu a tese intitulada *Considerações sobre as polinevrites encaradas à luz da moderna concepção do systema nervoso*. Foi preparador interino de Bacteriologia na mesma instituição entre 1902 e 1903. Tornou-se professor extraordinário efetivo da cadeira de Microbiologia, entre 1911 e 1915; foi vice-diretor da Faculdade, em 1925; e ocupou a cátedra de Microbiologia, de 1933 a 1937, quando se aposentou. Couto Maia dirigiu o Hospital de Isolamento de Monte Serrat, desde o ano de 1911, estando nesse cargo quando ocorreu o surto de gripe espanhola na Bahia. Fez cursos de aperfeiçoamento na Europa, em microbiologia e técnicas de laboratório (OLIVEIRA, 1992)

⁶ Augusto César Vianna nasceu em 1868 e faleceu em 1933. Formou-se pela FMB, em 1890, e defendeu a tese intitulada *Estudo geral do sangue*. No mesmo ano, exerceu o cargo de Inspetor do Laboratório de Higiene. Entre 1901 a 1911, foi professor catedrático de Bacteriologia na Faculdade de Medicina da Bahia – cadeira mais tarde denominada Microbiologia – lugar que ocupou até a sua morte, em 1933. Além de dirigir o Instituto Oswaldo Cruz, Vianna foi também diretor da Faculdade de Medicina da Bahia entre 1908 e

intuito de desenvolver um trabalho voltado para a experimentação, e comandava, nesse ano, um curso para quase cem estudantes:

Tendo sido designado para, durante a ausência do Ilustrado Professor ordinário, reger a cadeira de Microbiologia para os alunos dos cursos médico, farmacêutico, e odontológico, procurei, por todos os meios a meu alcance dar às minhas aulas uma orientação absolutamente prática. [...] Não possuindo o laboratório nem área, nem material que permitissem ao mesmo tempo os exercícios práticos de todos os 95 alunos inscritos no curso fui obrigado a dividi-los em 4 turmas (MOURA, 1914)

A atitude de Couto Maia frente à falta de espaço e material foi inversa à de Albino Leitão. O esvaziamento das aulas de sifilografia, em contraposição ao número de alunos matriculados em Microbiologia, podia estar relacionado à personalidade do médico que regia a cátedra de dermatologia e sifilografia. Sua postura retraída, o desapego pela escrita, e a ausência de pesquisa colocaram-no em dissonância com o que realizou o catedrático engajado que o antecedeu, e ao trabalho que muitos médicos desenvolviam em outras cadeiras.

Quando o professor Caio Otávio Moura solicitou informações a respeito do que Albino Leitão havia ensinado na cátedra de Dermatologia e Sifilografia no ano de 1914, para a confecção da Memória Histórica da FMB, ele apresentou, em manuscrito, um plano de curso com uma lista de assuntos que teriam sido discutidos em sala. Mas, os planos de curso oficiais dos anos seguintes, aprovados e impressos pela FMB (1915; 1918; 1920) elaborados pelo professor Leitão, diferiam da versão enviada ao doutor Moura em 1914. Os planos oficiais eram compostos apenas por um pequeno texto, em geral de quatro linhas, diferente da estrutura dos planos de curso elaborados por

1912; 1915 e 1930; e 1933. Realizou cursos de especialização em bacteriologia e microbiologia na Europa, nos anos de 1891 e 1914 (OLIVEIRA, 1992)

professores de outras cátedras, que detalhavam de forma minuciosa o conteúdo a ser aplicado. O texto se resumia ao seguinte: “Durante este período, darei aulas práticas sobre os casos que se apresentarem na clínica, e aulas teóricas, nas quais procurarei explicar assumptos de caráter geral e estudar as dermatoses mais frequentes entre nós” (*idem*).

É notória a abrangência da proposta do curso, o que possibilitava ao professor atuar da forma que lhe parecesse mais conveniente, e não explicitar quais as concepções que norteavam o ensino da sífilis em sua cátedra. Muito provavelmente ministrava aulas teóricas, marcadas por sua erudição, das quais o relato de Ruy Santos pode ser sintomático. Em relação ao plano de curso solicitado por Caio Moura, não é improvável que o médico tenha utilizado o planejamento elaborado por Alexandre Cerqueira, antes da sua aposentadoria. Somente no programa de ensino de 1932, Leitão escreveu um planejamento de curso detalhado, momento em que as bases para o tratamento da sífilis já estavam definidas e no qual podia escolher assuntos “consensuais” do conhecimento sifilográfico de então. No programa de 1935, por exemplo, ele propôs discutir a relação da dermatologia e sifilografia com outras disciplinas, diagnóstico, evolução, tratamento da sífilis por diversos elementos como os mercúrios e os arsênicais, além da heredosífilis. Apesar de incluir o estudo da relação entre sífilis e hereditariedade, e dos “modernos” medicamentos utilizados para o combate da doença, não havia menções, no documento, ao plano das políticas públicas que vinha sendo desenvolvido no combate à sífilis, como educação e propaganda sanitária enquanto medida de intervenção pública. Assim, entre 1914 e 1945, período em que Albino Leitão esteve à frente da clínica,⁷ o ensino de dermatologia e sifilografia, em sua cátedra, não alcançou a dimensão observada em outros lugares, a exemplo da FMRJ, onde Eduardo Rabello era o titular (SANGIARD, 2008). Leitão não estava atento às discussões que se passavam sobre sifilografia, ou não se interessava pelos assuntos centrais do

⁷ Albino Leitão se aposentou nesse ano, por idade, e não por aposentadoria compulsória, para permitir que Flaviano Innocêncio da Silva, mais velho do que ele, pudesse assumir a cátedra antes de se aposentar. Cf. JACOBINA, 2013, p. 55.

debate, que diziam respeito às implicações sociais da doença, como abolição/regulamentação da prostituição e métodos mais adequados para a sua profilaxia.

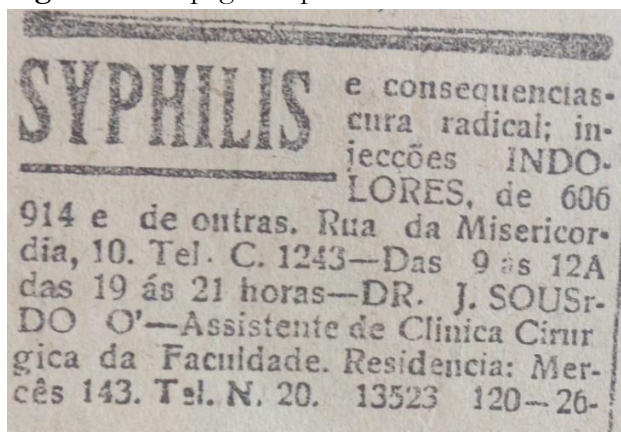
Os silêncios das Memórias Históricas da FMB sobre Albino Leitão induzem à compreensão de um ensino eminentemente teórico sobre sífilis na instituição, através do catedrático. Mas, como será possível observar, professores que ocupavam cadeiras diversas como a de Pediatria e Clínica Médica, pulverizaram, nelas, o ensino da dermatologia e da sifilografia. Médicos como o pediatra Álvaro Bahia foram responsáveis pela direção dos dispensários implantados a partir do acordo que a Bahia estabeleceu com o Governo Federal para colaboração sanitária. Apesar da vigência do regime federalista, a autoridade e autonomia da União se ampliavam na Bahia à medida que o acordo firmado dotava-o de poder para coordenar aspectos decisivos no combate às endemias no estado, entre elas a sífilis (BARRETO, 1927, p. 176). Foi nos postos sanitários criados a partir desse acordo que os professores e estudantes de medicina tinham a possibilidade de interagir com um ensino prático da sifilografia, realizavam pesquisa e ajudavam a impulsionar o combate à sífilis na cidade de Salvador.

Sifilografia nos dispensários baianos

No ano de 1926, os estudantes de medicina da Bahia tinham predileção pelo posto de saúde Silva Lima. O primeiro dispensário de doenças venéreas de Salvador estava situado inicialmente na Rua das Vassouras (uma das transversais da rua Chile), e foi transferido logo após para a Ladeira da Praça, nas mesmas imediações. Os doutorandos desenvolviam observações e aprendiam, de forma prática, como ocorria o tratamento das especialidades naquele espaço. O doutor Álvaro Bahia facilitava o acesso dos futuros médicos ao dispensário, mesmo que estabelecesse uma seleção prévia, devido à grande demanda. Dessa forma, o médico acreditava realizar a difusão das noções de sifilografia e venereologia, como disposto no Regimento do D.N.S.P (BRASIL, 1920).

Os estudantes demonstravam-se dispostos a acompanhar os trabalhos do posto, mesmo sem remuneração pelos serviços prestados e sem possibilidade de contratação efetiva após a formatura. Afirmavam ter somente o desejo de acumular ensinamentos que lhes fossem úteis na vida prática. Contudo, a opção por um dispensário de doenças venéreas revela o interesse por uma especialidade médica em processo de expansão, que podia se tornar geradora de lucros: a sífilografia. Não raro se viam anúncios no jornal, sobre médicos que tratavam do mal venéreo com aplicações de injeções em seus consultórios.

Figura 2 - Propaganda para o tratamento da sífilis



Fonte: *Diário de Notícias*, 9 de junho de 1925 (*Syphilis*).

A utilização do dispensário Silva Lima como *locus* de observação resultou na elaboração de teses de doutoramento, em 1926, como *Do emprego das injeções de leite no tratamento dos bubões venéreos*, do médico Benigno de Araújo, e *Doenças de Nicolas*, do doutor Antônio Firmato. O suíço Bruno Rietmann, que também frequentou voluntariamente o posto Silva Lima, ao longo de 1926 e 1927, a fim de validar o seu diploma no país, (BAHIA, 1926) e apresentou à Faculdade de Medicina da Bahia a tese *Sobre Tinbas na Bahia* (BAHIA, 1927). A escrita de teses a partir de experiências nos postos e enfermarias de hospitais era uma atividade constante e obrigatória para a obtenção do título de médico. Ederlindo Silva Serra e Percival da Cunha

Vasconcelos, por exemplo, deixaram de ser enfermeiros no dispensário Ramiro Monteiro, localizado na Avenida Carlos Gomes, no centro de Salvador e, formando-se em medicina, apresentaram, respectivamente, as teses *Ligeiras considerações sobre disenteria (amébrica e bacillar) na Bahia* e *Contribuição ao estudo do granuloma venereo na Bahia e seu tratamento específico com Neutro-flavina* (DA SILVA, 1925). Os dirigentes dos postos sanitários sentiam-se orgulhosos com a produção intelectual a partir das unidades de saúde das quais eram responsáveis, pois acreditavam que os dispensários e, conseqüentemente, o seu trabalho como chefes sanitários, ganhariam visibilidade na comunidade acadêmica.

Grande parte do texto escrito por Álvaro Bahia sobre o dispensário Silva Lima, em 1927, trata da ausência de algumas especificidades comuns de sífilis no atendimento ambulatorial (BAHIA, 1927). Para explicar as possíveis causas do desaparecimento desses casos, o médico fez menção às observações do professor Cesário de Andrade⁸ a seus alunos, nas aulas ministradas naquele dispensário. O catedrático de oftalmologia da FMB utilizava um posto de tratamento da sífilis para analisar casos de manifestação da doença nos olhos. Isso reforça a ideia de que o ensino de sifilografia na FMB foi realizado nos postos sanitários em todo o período em que Albino Leitão esteve como catedrático de Dermatologia e Sifilografia, por professores de cátedras diversas que não a de sifilografia, em detrimento da enfermaria São Joaquim. Em relação à ausência de casos comuns de sífilis, Álvaro Bahia, que acompanhava o processo de ensino/aprendizagem no estabelecimento, chegou à conclusão de que o atendimento precoce da doença estaria inibindo as manifestações específicas sifilíticas e gonorreicas. E, já que não havia mais casos dessa natureza a serem analisados, o convênio do referido posto com as clínicas otho-rhino-laringológica e oftalmológica foram desfeitos (BAHIA, 1927). Para além disso, o médico construiu, ainda,

⁸ João Cesário de Andrade nasceu em Fortaleza-CE em 25 de fevereiro de 1887, e faleceu em no Rio de Janeiro-RJ em 10 de janeiro de 1963. Formou-se em medicina pela FMB, em 1913, onde defendeu a tese intitulada *Glaucoma Primitivo*. Fez Livre Docência de Clínica Oftalmológica em 1914, tornando-se Professor extraordinário por dois anos (1914-1915). Ainda em 1915 tornou-se o Professor Catedrático de Clínica Oftalmológica da FMB.

duas memórias a partir de suas experiências no referido dispensário, e as apresentou no Congresso de Higiene, sob os títulos *Dispensários Infantis e tratamento e prophylaxia da syphilis hereditaria*, e *Aspectos da syphilis na Bahia (idem)*. No mesmo ano, o doutorando Diógenes Vinhaes aplicou pela primeira vez um tratamento específico para infecções puerperais, material que publicou em sua tese, inaugurando a terapêutica no Brasil (TORRES, 1927). O estudo ocorreu no Laboratório do Serviço de Profilaxia Rural de Salvador.

Considerações finais

A medicina experimental e a bacteriologia tiveram um papel relevante na institucionalização da sifilografia tanto no Rio de Janeiro quanto em Salvador. Através dela, Silva Araújo e Alexandre Cerqueira puderam projetar esse campo do saber e disseminar entre os estudantes o gosto pela pesquisa, que forneceria as bases para a medicina da primeira metade do século XX. Já a figura de Albino Leitão destoava desse perfil, e contribuía para uma nova configuração da cátedra de dermatologia e sifilografia da FMB, a partir de 1914.

O ensino relacionado à sífilis nos dispensários não pode ser atribuído completamente a Leitão. É certo que a Bahia aderiu a um plano de combate às doenças venéreas proposto em nível nacional, com a IPLDV, o qual determinava que os dispensários fossem abertos para estágio dos estudantes de medicina dos anos superiores. Mas o perfil do catedrático foi, sem dúvidas, um fator preponderante para que a prática sifilográfica não ocorresse na sua cátedra.

Os distintos posicionamentos dos catedráticos de Dermatologia e Sifilografia da FMB produziram efeitos diferentes sobre os alunos ao longo dos anos. Mas, a despeito disso, grande parte dos professores da FMB estava articulada com os saberes sifilográficos relacionados à bacteriologia e necessários para o tratamento da doença, já que acreditava-se que ela era uma das que mais matava a população brasileira, especialmente os moradores dos

sertões. Esses profissionais foram, em grande medida, responsáveis pela disseminação do ensino de sifilografia da Faculdade baiana.

Referências

- BAHIA, Álvaro. *Relatório dos trabalhos feitos pelo posto de Profilaxia Silva Lima*. APB, Caixa 4068, maço 92, 1926.
- BAHIA, Álvaro. *Relatório dos trabalhos feitos pelo posto de Profilaxia Silva Lima*. APB, Caixa 4068, maço 92, 1927.
- BARRETO, Antônio Luis D. A. de Barros. *Relatório da Secretaria de Saúde e Assistência Pública*: anno de 1926. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1927.
- BRASIL. *Decreto n. 3.987, de 2 de janeiro de 1920*: Reorganiza os serviços da Saúde Pública. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=48173>>. Acesso em: 1 jul. 2013.
- CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.
- DA SILVA, Pirajá. *Relatório do Serviço de profilaxia da Lepra e Doenças Venereas*. APB, Caixa 4068, Maço 18, 1925.
- FMB. *Atas da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia*, ano 1914. Secretaria da FMB, 1914.
- FMB. *Atas da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, ano 1921*. Secretaria da FMB, 1921.
- FMB. *Programmas de Ensino das matérias do 4º anno do curso médico aprovados pela congregação para o anno lectivo de 1915*. Salvador: Estabelecimento dos dois mundos, 1915.
- FMB. *Programmas de ensino das matérias do 4º anno do Curso Médico aprovados pela Congregação para o ano lectivo de 1918*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1918.

- FMB. *Programmas de ensino das matérias do 4º anno do Curso Médico aprovados pela Congregação para o ano lectivo de 1920*. Salvador: Imprensa Official do Estado, 1920.
- GUIMARÃES, Newton Alves. Notas sobre o ensino e os professores de dermatologia da Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*. n. 77, v. 2, jul./dez., 2007.
- JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *Memória Histórica do Centenário da Faculdade de Medicina da Bahia (2008): os professores encantados, a visibilidade dos servidores e o protagonismo dos estudantes da FMB*. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 2013.
- MOURA, Caio Otávio Ferreira de. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia – Anno de 1914*. Biblioteca Gonçalo Moniz. Faculdade de Medicina da Bahia, 1914.
- NOVIS, Aristides. *Relatório do Director Aristide Novis - 1928*. Santa Casa de Misericórdia, 1928.
- OLIVEIRA, Eduardo de Sá. *Memória da Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano de 1942*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.
- SANGLARD, Gisele. *Entre os Salões e o Laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.
- SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Médicos e filantropos: a a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 26, n. 44, p. 437-459, jul.-dez. 2010.
- SCM. *Relatórios da Santa Casa de Misericórdia 1919-1924*. Arquivo da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1921.
- SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos; SOUZA, Leticia Pulmar Alves de. O óleo de chaulmoogra como conhecimento científico: a construção de uma terapêutica antileprótica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, jan.-mar. 2008.
- SANTOS, Ruy. *A Faculdade do meu tempo: memória*. 2 v. Brasília: Senado Federal, 1978.

- SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República. *Varia História*. Belo Horizonte, v. 26, n. 44, jul./dez. 2010, p. 444.
- SOUZA, Christiane Maria Cruz de; TEIXEIRA, Luiz Antônio; LANA, Vanessa. O hospital Aristides Maltez e as campanhas de detecção do câncer do colo do útero no interior baiano. *Revista da ABPN*. v. 6, n. 14, jul-out, 2014.
- SYPHILIS. *Diário de Notícias*, 9 de junho de 1925.
- TORRES, Octávio. *Relatório do Laboratório do Serviço de Saneamento Rural no Estado da Bahia* APB, Caixa 4082, maço 114, 1927.